

Desempenho econômico depende do ajuste fiscal

Previsão de economistas varia de empate com 98 a redução de 2,5% no Produto Interno Bruto

DENISE NEUMANN

O ritmo do ano de 1999 vai ser definido pela capacidade do governo de executar o ajuste fiscal. As previsões dos economistas para este ano variam de crescimento zero até uma retração de 2,5%, com maior concentração em projeções de queda de 1,5%. Como consequência da redução no nível de atividade, o desemprego cresce, ultrapassando a taxa anual de 9%, a maior de toda a história do País.

Estas projeções nada otimistas fazem parte do cenário que leva em conta o êxito da equipe econômica na execução do ajuste fiscal, apesar dos contratempos em algumas votações no Congresso Nacional. Na hipótese contrária – de insucesso no controle das contas públicas – a queda do Produto Interno Bruto (PIB) e o desemprego seriam ainda maiores, na avaliação dos economistas ouvidos pelo Estado.

“Vai ser um ano de ajuste”, resume o economista-chefe da MCM Consultores, Newton Rosa. “As metas de ajuste fiscal são bem rígidas e, se cumpridas, permitirão a recuperação da credibilidade do País”, observa. Em 1999, observa, nenhum fator vai estimular a demanda. O desemprego vai bater recorde – sua projeção é de uma taxa anual de 9,1% na média –, a massa salarial estará em queda e o crédito, limitado e caro.

“Os dois primeiros trimestres vão ser os piores”, explica. “No primeiro semestre de 1999 a produção industrial vai cair 2,5% sobre o mesmo período do ano passado e no segundo semestre a retração será de 0,5%”, estima Rosa, da MCM.

| RECESSÃO COM AJUSTE FISCAL | | | | | | | | | |
|---|-------------|-----------------|-------|-----------------|------|-------------|-----------|------------|------|
| Indicadores da economia em 1997 e projeções para 1998 e 1999* | | | | | | | | | |
| Atividade | Ano de 1997 | MCM Consultores | | Banco Santander | | Lloyds Bank | | Tendências | |
| | | 1998 | 1999 | 1998 | 1999 | 1998 | 1999 | 1998 | 1999 |
| PIB- % ao ano | 3,2 | 1,0 | -1,5 | 0,7 | 0,0 | 0,4 | -1,5 | 0,6 | -1,6 |
| Taxa de investimento (% do PIB) | 17,5 | 17,5 | 18,0 | 18,0 | 18,0 | 17,5 | 17,0/18,0 | 20,0 | 19,9 |
| Taxa de desemprego | 6,1 | 8,3 | 9,1 | 7,6 | 9,0 | 7,7 | 10,5 | 8,4 | 10,0 |
| Inflação | | | | | | | | | |
| IPC-Fipe | 4,8 | 0,8 | 2,0 | -1,5 | 1,0 | -0,9 | 0,0/1,0 | -1,5 | -0,2 |
| Juros/Câmbio | | | | | | | | | |
| Câmbio-Varição ao ano | 7,4 | 7,5 | 8,0 | 8,0 | 7,0 | 7,5 | 7,2/8,2 | 8,2 | 6,5 |
| Taxa de juros nominal/média no ano | 24,7 | 27,1 | 22,7 | 28,7 | 22,6 | () | - | 28,9 | 18,0 |
| Setor externo | | | | | | | | | |
| Exportações (US\$ bi) | 53,0 | 53,8 | 54,4 | 52,9 | 56,1 | 52,0 | 54,0 | 51,8 | 54,3 |
| Importações (US\$ bi) | 61,4 | 59,7 | 55,0 | 58,6 | 57,4 | 57,2 | 54,9 | 57,8 | 57,3 |
| Saldo da balança comercial (US\$ bi) | -8,4 | -5,9 | -0,6 | -5,6 | -1,3 | -5,2 | -1,0 | -6,1 | -3,0 |
| Saldo em conta-corrente (% do PIB) | -4,15 | -4,15 | -3,31 | -4,2 | -3,5 | -4,2 | -3,5 | -4,4 | -3,6 |
| Reservas Líquidas Internacionais (US\$ bi) | 52,2 | 45,0 | 45,0 | 40,0 | 40,0 | 45,0 | 50,0/54,0 | 47,3 | 53,0 |
| Setor público | | | | | | | | | |
| Déficit nominal (% do PIB) | 6,11 | 8,07 | 4,8 | 8,1 | 4,7 | 8,1 | 4,5/5,0 | 7,8 | 4,9 |

Fonte: consultorias

*Dados fornecidos antes de 20/12/98

ArtEstado

Na avaliação dos consultores da Tendências Consultoria Integrada, o governo mantém a atual política econômica. “Isso significa que a pressão da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) não se traduz em mudança da equipe econômica e nem em alteração da política cambial e de juros”, observa Roberto Padovani, consultor da Tendências.

Além desta premissa, o cenário que a consultoria Tendências traça para 1999 implica alguns focos de pressão e liquidez contraída para os países emergentes. “Mas quem se adequar, será beneficiado”, observa Padovani, explicando que o Brasil estará na lista dos beneficiados se fizer

o ajuste fiscal.

Ajuste e pagamento – Para o economista-chefe do banco Santander, Dany Rappaport, o Brasil precisará dar um duplo sinal já no início do ano: condições de executar o ajuste fiscal (fundamental para a conquista da credibilidade internacional) e sinais de que será capaz de recuperar sua capacidade de pagamento. “O País precisa terminar o primeiro trimestre solvente em reais e em dólares”, observa. Nesse período, afirma, será necessário apresentar resultados primários positivos nas contas públicas (receitas maiores que as despesas) e, ao mesmo tempo, manter o cenário atrativo para inves-

timentos externos e, também, ensaiar um melhora no saldo da balança comercial. “As chances existem, mas não será um começo fácil”, diz.

Rappaport está com a avaliação mais otimista para o PIB em 1999: empate com 98. Ele não espera um PIB negativo porque boa parte da desaceleração já ocorreu no ano passado. Alguns segmentos encerraram o ano com um resultado tão ruim que não haverá um nova retração nas vendas em 99. Os bens duráveis, observa, vão encerrar o ano passado com uma queda de 40%. “Essa queda não vai se repetir, a tendência é manter o mesmo nível de 98”, observa.

Para Marcelo Allain, diretor

de Análise Econômica do Banco BMC, o ano de 1999 vai continuar marcado pelo dilema estabilização x crescimento, com as pressões dos empresários por mudanças na política econômica mantendo-se fortes ao longo do ano. “Brasil precisa superar o círculo vicioso para chegar no virtuoso”, observa Allain.

O círculo vicioso, observa, é dado pelo dilema juros-risco Brasil. O País mantém os juros altos para ficar atrativo e não perder capitais. Como resultado, o PIB

cai 2,5% em 99. Ao mesmo tempo, os juros altos aumentam as chances de não execução das metas de déficit nominal, pois quanto mais altos os juros, mais rapidamente aumenta a dívida do País e mais difícil se torna seu pagamento.

A saída de baixar os juros é temerária porque, se feita antes da hora certa, pode provocar saída de capitais. A hora certa de fazê-lo é quando os fundamentos da economia (na prática, o déficit público) estiverem com resultados melhores, diminuindo o risco de o País enfrentar algum tipo de crise. “Com fundamentos melhores, os juros podem baixar, permitindo maior ritmo de crescimento e, portanto, desenvolvendo um círculo virtuoso”, observa.

Investimentos – A recessão deste ano – projetada em 1,6% pelo grupo da Tendências – será atenuada pela manutenção dos investimentos. As estimativas apontam que o nível de 18% do PIB alcançado em 1998 será mantido em 1999. “Os projetos são de longo prazo e estão sendo mantidos”, observa. Esse impacto sobre o crescimento não alcança o emprego, pondera Padovani. “Os projetos são poupadores de mão-de-obra”, observa. O desemprego, calcula, ficará em 10% na média do ano, mas poderá chegar a 12% no primeiro trimestre.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) pode registrar nova deflação de 0,2%, segundo estimativas da Tendências. “A desaceleração da atividade e a manutenção da política cambial permitem prever mais um ano sem pressões inflacionárias”, observa Padovani.

**DESEMPREGO
PODE CHEGAR A
12% NO INÍCIO
DO ANO**